

RESUMO EXPANDIDO

A ESCOLA NO QUILOMBO: UMA VIVÊNCIA NO QUILOMBO DE ABACATAL COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cintia Cardoso da Silva¹
Arlindo Figueiredo do Rosário²
André Felipe Santos Vasconcelos³
Darciane do Socorro da Silva Martins⁴

RESUMO

O presente artigo é um relato de experiência com alunos do ensino fundamental do 8º e 9º ano, na comunidade do Quilombo de Abacatal no ano de 2025, que teve como objetivo promover o conhecimento da história, organização social, saberes tradicionais e formas de resistência presentes no quilombo de Abacatal, reconhecendo este espaço como vivo de memória, identidade e produção cultural afro-brasileira. A metodologia da atividade partiu de aulas expositivas sobre a história dos quilombos e vivência prática a partir de visita ao território quilombola. Após esse momento cada aluno fez a construção de um relato sobre a vivência e foi exposto para a comunidade escolar. Como base teórica para este trabalho estão os seguintes autores: Munanga (2005), Gomes (2021), Cavalleiro (2024) e Nascimento (2022). Como principais resultados alcançados a atividade estimulou a valorização da história e cultura afro-brasileira conforme 10.639/2003, além disso, os alunos também compreenderam o quilombo como espaço de resistência, organização e produção de saberes e assim compreenderam o conceito de quilombo além de uma perspectiva colonial.

Palavras-chave: Quilombo; educação antirracista; ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade é de fundamental relevância que os educandos tenham compreensão de sua história que de como ela influencia na forma como as relações sociais se mantêm. A alguns séculos nossa sociedade narrava somente um olhar da realidade, comumente o das classes dominantes que partiam de pontos de vista coloniais. Neste contexto, outras narrativas, saberes e histórias eram excluídos socialmente.

¹ Universidade do Estado do Pará/Secretaria Municipal de Educação /cintyacardoso79@gmail.com

² Universidade Federal do Pará/ Secretaria Municipal de Educação / arlindofigueiredo2814@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará / Secretaria Municipal de Educação/ felipesantos201022@gmail.com

⁴ Universidade da Amazônia/ Secretaria Municipal de Educação/ darcianemartins@gmail.com

Em contra partida a isso, a promulgação da Lei 10.639/2003 representou um marco fundamental na mudança desta realidade, principalmente para a população negra do Brasil, pois tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Essa modificação dos processos educacionais permitiu reafirmar o papel da escola na construção de uma educação antirracista, pois permitiu reconhecer as contribuições históricas, sociais, epistemológicas e culturais da população negra.

Neste contexto, pensar uma escola que esteja dentro da lei e que estimule práticas em uma perspectiva antirracista é de suma importância. Neste cenário, surge o projeto escolar: A Escola é o Nosso Quilombo no contexto da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor Helder Fialho Dias, na Ilha de Caratateua, distrito de Belém.

A partir do projeto se oportunizou a professores e alunos a aula visitação no quilombo de Abacatal, localizado no bairro do Aurá, município de Ananindeua/ PA. como uma forma de compreensão da história da população negra no contexto de Belém. Além disso, o estilo a compreensão dos saberes, cultura, economia e enfrentamentos dentro da comunidade quilombola. Neste contexto, o presente relato tem por objetivo compreender como essa vivência contribuiu dentro de uma perspectiva antirracista para a formação dos alunos e na execução da Lei 10.639/2003.

METODOLOGIA

A metodologia da atividade desenvolvida com as turmas do 8º e 9º ano e teve como objetivos estimular a compreensão dos educandos sobre o conceito de quilombo, para isso, foram feitas aulas expositivas principalmente na disciplina de geografia, estimulando que os alunos pesquisassem, debatessem e conhecessem sobre a história desses espaços de resistência. Nas aulas foi debatido sobre a formação dos primeiros quilombos, o contexto da Amazônia e a importância dos quilombos e também uma percepção do quilombo enquanto espaço de resistência histórica e atual.

Após a compreensão conceitual do que é um quilombo, foi agendada uma visitação na comunidade do quilombo de Abacatal, este espaço é uma localidade com mais de 300 anos, consolidada a partir dos antigos engenhos de cana de açúcar, tendo cerca de 130 a 200 famílias em uma área de 583 hectares. A renda da comunidade é baseada na agricultura e extrativismo e é caracterizado como um território de conflitos territoriais e urbanos. No dia da visitação foram cerca de 12 alunos escolhidos das turmas de 8º e 9º ano, juntamente com dois professores. A visitação foi mediada por uma moradora local que recebe visitantes. Após a visitação os

estudantes deveriam escrever relatos de suas percepções no quilombo, contribuindo com a difusão dos saberes desenvolvidos na vivência.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E/OU DISCUSSÕES

A experiência de visita ao quilombo de Abacatal possibilitou diversas reflexões e contribuições relevantes para a formação crítica dos alunos dentro de uma perspectiva antirracista. Segundo Cavalleiro(2024), a educação antirracista é um caminho que visa erradicar preconceitos, discriminações e os tratamentos diferenciados, permitindo a igualdade nas relações, assim como possibilitando a grupos que são atingidos pelo preconceito, construir uma identidade positiva.

Em contribuição a essa perspectiva, Gomes(2021) aponta que é necessário a descolonização das mentes, através de práticas pedagógicas e epistemológicas antirracistas, pois segundo ela, promoveria uma tomada de posição emancipatória diante de si e do outro, sobre o enfrentamento ao racismo em nossa sociedade.

Neste contexto vemos de suma importância a visita ao Quilombo de Abacatal, pois partiu de uma vivência real dos estudantes dentro território de combate ao racismo, estimulando contribuições essenciais para a formação crítica dos alunos. Neste sentido, para analisar os dados iremos pegar fragmentos de relatos de experiência de dois alunos que participaram da visita, assim como observações que foram feitas na vivência no local.

É notória que a experiência permitiu aos estudantes a ressignificação do conceito de quilombo, pois foi perceptível que os alunos não compreendiam esse termo e sua relevância dentro da história da população negra. Nas aulas de geografia o tema foi debatido em sala de aula, partindo das percepções de Beatriz do Nascimento (2022), para ela o quilombo representa a resistência de negros e brancos oprimidos historicamente, sendo um lugar de possibilidade de vida mais livre. Para ela os quilombos são espaços atuais e vão além das demarcações de terras, segundo ela, é a produção e reprodução de um momento de paz para os grupos perseguidos e marginalizados socialmente.

Na experiência dos alunos foi possível perceber que ocorreu uma ampliação do repertório histórico e cultural do conceito de quilombo, pois permitiu que os alunos tivessem contato direto com narrativas, práticas culturais e memórias tradicionais da comunidade, aprofundamento sua compreensão sobre a formação do território do quilombo e um rompimento com perspectivas que partiam de uma abordagem eurocêntrica. É notório isso no relato da aluna Sophia do 8º ano:

“ela foi falando que aquele lugar é um espaço de resistência e que em 2025 faz 315 anos de história e tradição e que eles são uma comunidade que luta pelos seus direitos.”

Na visitação os alunos foram levados a lugares que são marcados historicamente pelo processo de escravidão e de resistência dos quilombolas daquela região, estimulando que os alunos compreendessem a história local e a formação daquele território com ancestral. Em um trecho do relato do aluno Matheus do 9º ano é possível ver sua percepção sobre o momento de conhecimento do caminho de Pedras:

“Nossa guia explicou que esse caminho representa não apenas uma trilha, mas um símbolo de resistência e fé de um povo que vive ali há mais de três séculos.”

Esse momento foi de suma importância, pois estimulou compartilhamento da trajetória daquela população. Segundo Munanga (2005) é importante o resgate da memória e da história do negro, mas não só para o negro, mais para todos os grupos étnicos, o que a visitação pretendeu estimular com os diversos alunos, pois segundo o autor:

“O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, (...)” (p.16).

Além disso, a vivência permitiu que os alunos valorizassem os saberes existentes na comunidade, reconhecendo a comunidade quilombola como produtora de conhecimentos e estrutura social própria. Além disso, conheceram a partir da guia local, as plantas medicinais, as árvores, os artesanatos e a produção de economia local, o que eles acharam muito importante como destacado abaixo:

Relato do aluno Matheus 9º ano: “Aprendemos, por exemplo, sobre o processo de produção de mandioca, além disso, descobrimos que eles aproveitam toda a planta: as folhas (maniva) são usadas para o preparo da maniçoba e a raiz para a farinha”

No que envolve sua estrutura social, a aluna Sophia chama atenção para a organização harmoniosa dentro da comunidade, para a aluna: “a comunidade de lá é como uma grande família, lá eles não “brigam” por religião, muito pelo contrário, vivem sem brigas e eles se respeitam, lá tem a de matriz africana, tem católica e evangélica e etc.

É possível assim notar novas percepções vindas dos alunos, no que envolve o conceito de quilombo, enquanto um espaço de diversidade, de harmonia entre seus moradores, de história e resistência constante, mas também de saberes ancestrais e da utilização dos recursos da terra, como forma de gerar economia local.

É notório também que a vivência contribuiu para que os alunos tiveram uma reflexão de como o racismo afeta aquela comunidade, uma vez que são afetados diretamente pelo racismo estrutural e ambiente, pois a briga pela proteção de suas terras é constante. No relato do aluno Matheus é possível perceber que compreenderam esses conflitos:

Relato do aluno Matheus: “A guia, que é descendente de pessoas escravizadas, nos contou com muita calma e sabedoria sobre a história e as lutas da comunidade, incluindo a resistência contra o projeto do governador que pretendia construir a Avenida Liberdade a apenas 1 km do quilombo.”

Por fim, como uma das principais contribuições dentro de uma perspectiva antirracista foi o protagonismo dos estudantes que de fora critica questionaram, investigaram e refletiram sobre o contexto do Quilombo de Abacatal, sendo uma experiência essencial para a construção de cidadãos justos que enfrentem o racismo tanto no contexto escolar como social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de visita ao Quilombo de Abacatal pelas turmas do 8º e 9º ano evidenciou como uma prática potente dentro da perspectiva de educação antirracista e no cumprimento da Lei 10.396/2003, permitindo aos estudantes de forma crítica, conhecerem suas histórias e de seus antepassados, compreenderem como o racismo ocorre em nossa sociedade e como as comunidades tradicionais são afetadas e assim como reconhecerem estes territórios como locais de identidade, história, cultura e outras epistemologias.

A vivência na comunidade quilombola permitiu aos alunos uma experiência formativa que questionaram as narrativas hegemônicas, reafirmando a necessidade que todas as escolas tragam o ensino da história, cultura afro-brasileira e africana, nas experiências que permitam momentos de valorização das memórias coletivas. Neste sentido, a vivência buscou estimular uma educação antirracista que permita a formação de alunos mais críticos, justos e éticos, para a construção de uma sociedade com equidade social.

REFERÊNCIAS

- CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2024.
- GOMES, Nilma Lino. **O combate ao racismo e a decolonização das práticas acadêmicas educativas e acadêmicas.** Revista de Filosofia Aurora, vol. 33, não. 59, pp. 435-454, 2021.
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na educação:** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. Org. Alex Ratss; São Paulo: Ubu Editora, 2022, 240.